Boletim de Notícias NS

NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org

#1101 20.04.2024 (135)

Michael Kühnen

A segunda revolução
Volume I: Fé e luta

Parte 14

Não é meu desejo nem minha tarefa explicar ou justificar as medidas anti-judaicas do Terceiro Reich. Uma coisa é certa: a política do Estado nacional-socialista em relação aos judeus foi dura - talvez, por vezes, demasiado dura. No entanto, a bem da verdade histórica, há uma coisa que tem de ser dita claramente:

O nacional-socialismo nunca planeou ou sequer levou a cabo um programa genocida contra os judeus! O assassínio em massa não é um meio da política nacional-socialista! Nunca houve um crime contra o povo judeu. Como membro da geração mais jovem, não sou um especialista nesta questão, principalmente porque o meu interesse não está tanto no passado, mas na necessidade da política nacional-socialista no presente e no futuro. Tendo em conta a incessante propaganda inimiga, a incerteza e a dubiedade de muitas fontes e o enorme interesse político dos detentores do poder em demonizar o nacional-socialismo, não acredito que venhamos a saber toda a verdade sobre a verdadeira política judaica do Terceiro Reich, enquanto os beneficiários da vitória dos Aliados ainda estiverem no poder, mas que nos mentiram durante décadas, como provaram testemunhas oculares como o **Professor Rassinier,** prisioneiro em Buchenwald, **Christophersen**, assistente de investigação no Instituto Kaiser Wilhelm em Ausschwitz, e cientistas como o **Professor** americano **Butz.**

É certo que houve crimes de guerra alemães - especialmente contra os odiados judeus -, abusos, aberrações e crimes que deploramos, mas não se pode condenar uma visão do mundo por causa de actos individuais cometidos em seu nome, mesmo durante uma guerra terrível. Caso contrário, depois dos assassínios em massa da República Francesa e do genocídio dos índios norte-americanos ("Só um índio morto é um bom índio", era a opinião dos americanos - sempre tão morais - no século passado), não deveríamos continuar a falar de democracia e, depois dos milhões de vítimas da colectivização e do "Arquipélago Gulag", não deveríamos continuar a falar de marxismo!

Uma visão do mundo evolui, aprende com os erros, cresce com os problemas. O verdadeiro crime deste tempo está noutro lugar:

Pela segunda vez em meio século, o sionismo mergulhou o mundo numa guerra contra a Alemanha. Em 1945, o poder alemão foi novamente quebrado, a Segunda Guerra Mundial também foi perdida e, mais uma vez, a traição esteve envolvida. Não foi por milagre que perdemos a guerra! Teria sido um milagre ganhar, embora o inimigo estivesse sentado no nosso próprio estado-maior, em importantes postos de comando! A dimensão da traição de altos oficiais da Wehrmacht - reaccionários e maçons - é inimaginável e exige expiação! E se uma vez tivermos de arrastar dos seus leitos de doentes - meio mortos - esses velhos traidores que não se importaram com a vida dos seus soldados e com a liberdade e a existência do Reich, se ao menos pudessem derrubar um regime odiado e recuperar os seus privilégios, os traidores devem ser enforcados.

Mas voltemos ao sionismo:

Desta vez, a vitória foi total. Desde o início, houve o cuidado de que apenas os resistentes e os emigrantes - servos obedientes das potências ocupantes e do sionismo - chegassem ao poder na Alemanha Ocidental, tal como na Ostmark. Desta forma, os sionistas puderam manter-se mais na sombra e a sua reconquista do poder continuou a passar despercebida ao povo. Hoje em dia, ouve-se a opinião generalizada:

"Deixem-nos em paz. Os 30.000 judeus da RFA já não têm importância nenhuma".

O contrário é que é verdade. Décadas após a guerra, a Alemanha continua a ser um país ocupado e, de acordo com a vontade dos sionistas, continuará a sê-lo para sempre. Para que o povo suportasse de bom grado o regime de ocupação, foi necessário adoptar uma série de medidas.

<u>Divisão:</u>

As províncias fronteiriças alemãs, num total de um quarto do território do Reich, foram separadas e distribuídas pelos vizinhos. A zona oriental foi forçada a ficar sob o poder dos tanques soviéticos. O Ostmark foi declarado um Estado independente e neutro, com uma proibição legal e contratual de anexação. As zonas ocidentais, no entanto, tiveram de tomar os EUA como modelo e tornaram-se a República de Ocupação da Alemanha.

Desnazificação:

Como possíveis portadores de uma resistência nacional, os nacional-socialistas começaram por ser colocados em campos de concentração ("detenção automática"), foram proibidos de trabalhar durante muitos anos, os seus bens foram confiscados, inicialmente não podiam exercer actividades políticas e estavam constantemente expostos a novas vagas de perseguição e reeducação.

Prosperidade:

Os sistemas liberais-capitalistas na Ostmark e na Alemanha Ocidental reconciliaram as pessoas e o sistema através do aumento da prosperidade, e é humanamente compreensível que a maioria dos alemães, depois dos horrores da guerra e da miséria do regime de ocupação directa, estivesse feliz por poder finalmente viver bem por uma vez. Em menor grau, isto também se verificou na Zona Leste, embora aí o regime de ocupação tenha permanecido mais pronunciado e palpável do que na Alemanha Ocidental, onde quase ninguém pensava nisso quando as tropas das potências vitoriosas marchavam pelas cidades alemãs.

Reeducação:

Toda a nação sofreu uma lavagem ao cérebro. As mentiras e a propaganda de guerra tornaram-se história, que ninguém pode abalar, tornaram-se "conclusões seguras" da história contemporânea, como os tribunais alemães - como servos obedientes dos sionistas e dos ocupantes - declararam com convicção, o que não era preciso provar, porque "afinal, toda a gente sabe que a Alemanha foi culpada pelas duas guerras mundiais e que os nazis mataram seis milhões de judeus". "O que, aliás, teria sido uma pequena percentagem dos assassínios em massa sob Estaline, o estimado aliado na cruzada pela democracia e pela humanidade, e quase tanto como as vítimas inocentes dos bombardeamentos terroristas e das expulsões! - O sucesso desta lavagem ao cérebro foi tão perfeito que muitas pessoas se recusam a considerar sequer argumentos de defesa ou a tomar nota de contraprovas.

Não há nenhuma nação no mundo que, obviamente, anseie tanto por ser considerada culpada. Se, por uma vez, os outros não nos acusam, são os próprios alemães que o fazem, e Brandt, um emigrante e servo sionista, ajoelhou-se humildemente perante os usurpadores de terras polacos em nome do povo alemão! A reeducação

é o verdadeiro êxito dos sionistas. Só ela impede os elementos sãos do nosso povo de se unirem num movimento de liberdade. É um crime terrível, porque com a sua história roubaram a alma do nosso povo. É essa a principal razão do nosso ódio a esta praga mundial que deitou por terra tudo o que consideramos sagrado.

Decadência artificial:

A destruição da nossa vida cultural, a americanização do nosso estilo de vida, o abandono das nossas cidades, o abandono de uma parte da nossa juventude, o consumismo mórbido, os apelos à mistura racial e à integração de trabalhadores estrangeiros, o declínio das taxas de natalidade, o aumento da pornografia, da promiscuidade e das doenças sexualmente transmissíveis, o recuo para a vida privada e muitas outras coisas são sintomas de uma decadência artificial. Artificial, porque a diligência, a vontade de trabalhar e a eficácia do nosso povo ainda estão presentes, mesmo que estejam a ser maltratadas. As forças de resistência ainda se agitam no corpo do povo, e está a tornar-se evidente que essas mesmas forças estão constantemente a tornar-se mais fortes na geração mais jovem. A decadência artificial é o último - por assim dizer, o último - meio de que dispõem os sionistas para destruir o corpo de um povo. É a última etapa antes do "Estado mundial" com que sonham (cf. Conde Coudenhove-Kalergi, fundador do movimento Paneuropa em 1926: "O nosso objectivo é a mestiçagem afro-eurasiática sob a direcção da "nobreza espiritual" dos judeus" - (aspas minhas. M.K.)

Agora percebemos os mecanismos que estão a levar as sociedades ocidentais ao suicídio. Há um grande plano por detrás disso, porque as acções dos nossos políticos dificilmente podem ser explicadas apenas pela estupidez. Visto desta forma:

O que dizer dos "Protocolos Sionistas" que contêm pelo menos um germe verdadeiro, pois o desenvolvimento aí descrito, no início do nosso século, aconteceu exactamente. Uma coincidência?

O centro do poder sionista está nos Estados Unidos da América do Norte. Esta é também a razão para o insucesso do anti-sionismo de esquerda, na medida em que este seja honestamente pretendido:

A esquerda anti-sionista reconheceu correctamente que Israel é em si mesmo viável - apenas um instrumento de poder. Mas vê o inimigo principal no capitalismo e conclui daí que o sionismo é um instrumento do capitalismo, o Estado de Israel apenas um posto avançado do imperialismo americano, uma estaca na carne da nação árabe. Assim, o sionismo torna-se um teatro de guerra secundário para a esquerda - um problema regional. Mas a luta anti-sionista, para ser bem sucedida, deve partir do facto de que o sionismo é o nosso principal inimigo:

Não são os EUA que controlam o Estado judaico e o utilizam para os seus objectivos imperialistas, mas sim o sionismo que domina a política americana e obriga os Estados Unidos a seguir um rumo no Médio Oriente que é extremamente prejudicial aos seus interesses nacionais. **"O capitalismo é um instrumento do sionismo!"**

A América é uma colónia sionista, tal como a RFA é uma colónia americana. Aqui reside a fonte do poder do sionismo. Por duas vezes, os EUA decidiram uma guerra mundial contra a Alemanha. Em ambas as ocasiões, o povo americano quis a paz e os sionistas forçaram a guerra. Hoje em dia, estão sempre a extorquir novas armas e ajuda económica para Israel - controlam a economia americana, especialmente grande parte da banca e dos seguros. São proprietários de todas as grandes cadeias de televisão e da maior parte dos jornais diários mais conhecidos e respeitados, são o "grupo de pressão" mais bem organizado e mais poderoso do Parlamento, os senadores e os deputados servem-nos, são uma minoria decisiva nas eleições presidenciais, são os donos da maior cidade americana, Nova Iorque, cujo presidente da câmara é sempre judeu. Não há governo americano sem ministros judeus em posições-chave - de Morgenthau a Kissinger e Blumenthal. Vivem mais judeus na América do que em qualquer outro país do mundo, incluindo Israel. Nalguns governos americanos, tem-se a sensação de que os verdadeiros americanos não estão aptos a governar:

Só se encontram judeus e negros! Mas quem não é nenhum deles é provavelmente um polaco nativo ou algo semelhante. A América é também - e isto é muito importante - a origem da Loja B'nai-Brith, a loja-mãe e sede da Maçonaria mundial, uma loja que só admite judeus e que é mais poderosa do que o governo oficial. A partir da Loja B'nai-Brith, os maçons de todo o mundo são comandados, e daqui os fios vão para o Conselho de Relações Exteriores (CFR).

O CFR, por detrás deste nome inofensivo, esconde o verdadeiro governo americano. É aqui que o presidente pensa, é aqui que as suas "decisões" são tomadas. É aqui que se encontram as ligações mais estreitas entre os Sábios de Sião, a economia americana, as multinacionais e - como destinatários das ordens - o aparelho governamental. É aqui que se fala da construção de um mundo futuro, o "mundo único" - o governo mundial.

O CFR influencia, por sua vez, a chamada "Conferência de Bilderberg", uma organização maçónica secreta que influencia a política dos Estados europeus e na qual se reúnem os políticos e industriais mais influentes da Europa. Estes Bilderbergers aspiram a um papel na Europa semelhante ao do CFR na América, com o qual têm ligações pessoais. Toda esta rede é o estado actual daquilo a que chamamos as - Internacionais Douradas, o quartel-general da reacção. Aqui está o adversário dos povos e das aspirações nacionais à liberdade. Através do CFR, existe também uma

ligação ao segundo instrumento do sionismo - a esfera de domínio comunista. Quase nenhuma afirmação parece tão inacreditável, tão "louca" para a massa da população, como a afirmação nacional-socialista: **"O comunismo é um instrumento do sionismo!"**

A Revolução de Fevereiro de 1917, que desencadeou a queda do czar, foi uma revolução maçónica. Este facto está bem patente nas memórias de Kerensky, que foi primeiro-ministro russo até à chegada dos bolcheviques ao poder. A Revolução de Fevereiro permitiu que o Partido Bolchevique, que era minúsculo, se organizasse de forma a que um golpe de Estado - e foi apenas isso que aconteceu no início - tivesse hipóteses de sucesso. A Revolução de Outubro foi financiada de duas formas:

Através da mediação dos círculos maçónicos, foi despertado o interesse do Estado -Maior Imperial Alemão, que tinha um interesse compreensível em aliviar a Frente Oriental através de uma revolução russa.
Através do judeu Trotsky (o seu verdadeiro nome era Bronstein), o verdadeiro organizador da revolução e da vitória na guerra civil que se seguiu, consideráveis recursos financeiros - incluindo os da casa bancária judaico-americana Warburg - fluíram para os cofres do partido bolchevique. Quase todos os principais bolcheviques eram judeus ou de ascendência judaica, por exemplo, Lenine, Kaganovich, o famoso chefe da Cheka, Dzheryinsky, e sobretudo Trotsky.

Este último foi a figura decisiva, o confidente sionista na liderança da revolução bolchevique. Trotsky era também o sucessor pretendido do doente Lenine, o herói da "revolução permanente" que deveria colocar toda a Europa sob o domínio bolchevique. Nem as origens dos líderes bolcheviques nem as suas fontes de financiamento podem ser negadas. Embora os pormenores possam ainda parecer misteriosos, o apoio sionista ao marxismo não é mais duvidoso do que o facto de terem sido os judeus a desenvolvê-lo e a levá-lo ao poder. E haverá realmente uma ideia melhor do que perseguir a mesma concepção do "mundo único", ou revolução mundial, a partir de cima e de baixo ao mesmo tempo?

As massas estão cegas pelo espectáculo de um aparente confronto entre o capitalismo e o comunismo e nem sequer se apercebem de que os detentores do poder de ambos os sistemas são os mesmos e que nunca se magoaram mutuamente, mas dividem tacitamente o mundo entre si. Apesar de todas as frases anti-comunistas exteriores, na realidade, desde o início até à actualidade, assistimos a um favorecimento ininterrupto da URSS por parte da política americana. Eis apenas algumas palavras-chave:

Financiamento de Lenine e Trotsky pelos grandes bancos judaico-americanos; falta de apoio ocidental aos anticomunistas e aos leais ao czar durante a guerra civil;

aliança soviético-americana na guerra contra a Alemanha; salvamento da URSS, militarmente já derrotada, através do equipamento maciço e gratuito do exército soviético (acordo de aluguer e empréstimo); divisão da Alemanha e da Europa entre a América e a União Soviética; renúncia à utilização das possibilidades de pressão através do monopólio da bomba atómica dos EUA e reconhecimento da União Soviética como segunda potência mundial, muito antes de o ser realmente em termos de política de poder (um estranho "caso de espionagem" faz cair nas mãos dos dirigentes soviéticos os segredos da investigação atómica, segue-se a bomba atómica soviética, cuja expansão é aceite sem resistência); não ajuda ocidental às revoltas no Bloco de Leste - Ucrânia, Hungria, Zona Leste -; apoio americano à propaganda soviética de descolonização (assim, as duas potências mundiais esmagam os últimos rivais relativamente independentes, os impérios coloniais francês e inglês); viabilização da vitória comunista na China, cortando subitamente a ajuda militar à China Nacional em plena guerra civil; fornecimento de tecnologia ocidental à União Soviética; Vietname e Angola, etc., etc.

A lista é interminável. Mesmo aqueles que não acreditam em "teorias da conspiração" na história terão de admitir que tanta "estupidez" já não é normal, já não é coincidência. Cada ponto pode ser explicado de forma diferente, mas esta evolução durante mais de sessenta anos? Tudo coincidência?

Se tudo é coincidência, então, de acordo com o cálculo das probabilidades, as decisões também deveriam funcionar a nosso favor de vez em quando. Mas nos casos em que isso acontece - por exemplo, na libertação do comunismo chinês da influência sionista, no conflito sino-russo - a política ocidental está quase desesperada por não tirar partido disso. Não, deve ser claro para todos que estão a ser seguidos planos e ideias bastante diferentes. Mas não faz sentido para o cidadão comum o que é que os grandes capitalistas e os comunistas podem ter em comum, onde estão os seus interesses comuns. Para os governantes comunistas, parece claro que precisam da tecnologia, da ajuda económica, do conhecimento e da riqueza do Ocidente.

Mas os iniciados - essa pequena camada de grandes capitalistas, banqueiros, maçons e sionistas - o que é que eles querem? Têm um enorme poder sobre o mundo ocidental, as multi-corporações são verdadeiras grandes potências, são infinitamente ricas - que mais podem desejar, ambicionar estes iniciados? Só há um aumento do seu poder baseado no dinheiro e na influência: **o poder absoluto - o domínio do mundo!**

É aqui que a Internacional Vermelha encontra a Internacional Dourada - no sonho comum do poder total sobre a terra. É também aqui que o capitalismo e o comunismo se unem no sionismo - a realização político-poderosa da promes-

sa divina de domínio mundial para o povo escolhido. No entanto, o domínio total do mundo continua a ser um domínio total do mundo, pelo menos para os detentores do poder. O poder absoluto não conhece manifestações diferentes, permanece sempre o mesmo, sob qualquer máscara, sob qualquer nome que possa aparecer. Não há diferença entre o grande banqueiro e o secretário-geral; aqui se revela o único adversário das ordens evoluídas e naturais dos povos e das nações. O adversário do idealismo e da dignidade humana! Em todo o caso, deveria ter ficado claro que o sionismo significa mais do que o estabelecimento e a manutenção de um Estado judeu na Palestina.

O Dr. Nahum Goldmann, que é muitas vezes espantosamente honesto, mas que também sabe que os mecanismos dos formadores de opinião pró-judaicos funcionam tão bem que o risco das suas declarações é baixo, elabora:

"*Os judeus poderiam ter tido o Uganda, Madagáscar e outros territórios como sua pátria judaica, mas não queriam absolutamente nada a não ser a Palestina, não porque 5 biliões de dólares de metalóides e pó de metal possam ser produzidos a partir do Mar Morto por evaporação, não porque o solo contenha vinte vezes mais petróleo do que todas as reservas de petróleo da América do Norte e do Sul juntas, mas porque a Palestina é a encruzilhada da Europa, Ásia e África, porque a Palestina forma o verdadeiro centro do poder político mundial, o centro estratégico da dominação mundial.*" (Adenda de 6.3.1979;)

A nossa convicção é também partilhada por outras personalidades. O líder religioso supremo dos xiitas islâmicos e destruidor do Xá pró-sionista, **Khomeini,** escreveu no seu livro "O Regimento Islâmico" em 1968:

"É nosso dever expor estas maquinações e gritar bem alto ao mundo que os judeus e os seus apoiantes estrangeiros conspiraram contra o Islão para abrir caminho para os judeus dominarem o mundo..."

A questão de como resolver o problema judaico mantém-se. Como podemos enfrentar este poder formidável que parece ter todas as possibilidades do seu lado?

Antes de mais, um adversário reconhecido é mais fácil de combater. Sempre foi uma estratégia crucial do sionismo manter-se na sombra e trabalhar silenciosamente. A proibição dos chamados escritos e livros "anti-semitas", a suave supressão das ideias nacionais, a lavagem cerebral, tudo isto serve este objectivo. Isto já não é possível! As pessoas estão finalmente a acordar e a perguntar pelos verdadeiros responsáveis pela história.

O problema judeu pode ser resolvido, o poder da praga mundial sionista deve

ser quebrado. No caso da nossa tomada de poder, os judeus perderiam imediatamente a cidadania alemã e seriam colocados sob a lei dos estrangeiros!

Teriam de desocupar as suas posições de poder e comportar-se como convidados do nosso povo. É claro que isto não é uma solução, mas uma acção nacional unilateral seria desastrosa, como a história tem demonstrado. O sionismo só voltaria a falar em tom estridente de uma perseguição aos judeus e tentaria mergulhar o mundo numa terceira guerra.

O poder mundial do sionismo também tem de ser quebrado a nível mundial. Nessa altura, haverá também a possibilidade de uma ordem mundial natural baseada em povos e raças, enquanto que a visão de horror de um Estado mundial absoluto, materialista e coercivo - o sonho ilusório de um povo infeliz - não pode tornar-se realidade. Os judeus devem ter o seu próprio Estado, no qual possam viver livremente. Este Estado deve ser viável e incluir todos os judeus. Este novo Estado nacional judeu não deve situar-se na Palestina. A Palestina é e continua a ser a pátria árabe! Mas ainda há espaço suficiente no mundo para um povo trabalhador e inteligente, que deixaria de precisar de ser o terror do mundo. Dito de novo:

O nosso ódio é dirigido contra a praga mundial sionista, não contra o judeu individual. Sempre houve judeus que não se tornaram instrumentos do sionismo e ainda os há. É para eles e para os judeus que não têm qualquer ideia clara dos crimes dos seus líderes sionistas que apelamos:

"Tornai-vos um povo como os outros, renunciai ao vosso sonho de escolha. Não vos eleveis orgulhosamente acima dos goyim (gentios), pois assim não enfrentareis a sua resistência. Vamos traçar uma linha e começar de novo!"

Mas se isso não acontecer e o sionismo não desistir dos seus planos mundiais e criminosos, então será esmagado sem piedade.

Solução final da questão judaica:

Isto NÃO significa o extermínio do povo judeu, mas a DESTRUIÇÃO COMPLETA do sionismo.

Esta solução final é a tarefa mais importante do futuro próximo.

O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas

Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas

Mais de 100 sites em dezenas de idiomas

BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com